

A maior tiragem de todos os semanarios portugueses

Ano III—Numero 120

Preço avulso 1 Escudo

12 Páginas

O DOMINGO

ilustrado

SEMANARIO

R. D. PEDRO V-18
TELF. 631-N. LISBOA

AGENTES EM

TODA A PROVINCIA
COLONIAS E BRAZIL

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS - TEATROS SPORTS & AVENTURAS - CONSULTORIOS & UTILIDADES



Toda a gente tem jogado e jogará eternamente!

. E afinal só nos grandes e sumptuosos clubs de Lisboa se pretende proibir o jogo!

ESTE NUMERO FOI VISADO
PELA COMISSÃO DE CENSURA

cronica da semana

SEMANA TRÁGICA

A BRO ao acaso um jornal da semana que findou—só um—e leio.
«Em Arcolena, grande desordem entre um grupo de trabalhadores. Um morto e dois feridos».

Um pouco acima, ao Norte:
«Em Vila Verde, foi encontrado num poço o cadaver duma criança. Houve crime». Volto a pagina:

«Na rua de S. Nicolau, appareceu uma mulher morta. Crime ou suicidio?»

Mais adiante:
«Na Alameda das linhas de Torres, um carro electrico chocou com um automovel. Tres mortos e um ferido». Isto sem contar com um duelo á facada na rua do Terreirinho, um automovel incendiado na rua de S. Bento, um colga des e contra um candieiro da iluminação publica na rua do Comercio, uma «camionette» que se volt u na Regua (um morto e um ferido), um incendio num grande armazem, varias pessoas atropeladas e outros desastres de menor importancia que occupam quasi uma columna do jornal—e a que os jornalistas franceses chamam com espirito «les chiens écrasés». A outra semana deu nos tambem dois crimes passionais.

E eu pergunto agora qual será a causa misteriosa desta semana tragica, em que houve pelo menos tres crimes que se podem attribuir ao grande conflito que desde o Paraiso marcou para sempre a humanidade?

Não andará longe da verdade quem puzer o dedo na Primavera, nesta deliciosa Primavera que nos trouxe um sol maravilhoso, nesta «cunda Primavera que cobriu as arvores de flores e as almas ingenuas de illusões».

Há um proverbio japonês que diz: «As flores que caem das arvores não voltam ás arvores». Ah! as illusões que caem do coração tambem não voltam ao coração...

O que lhes vale ainda, ás arvores e aos corações, é que há todos os anos uma Primavera. As arvores voltam a cobrir-se de flores — e os corações de novas illusões...

NORBERTO LOPES

ECOS

O tempo da pedra lascada...

A Camara Municipal decidiu fazer as obras dos Restauradores, cuja utilidade é das mais discutíveis.

No intuito de alargar os passeios, colocou algumas dezenas de pedreiros a picarem as velhas lages, de forma a serem de novo applicadas. Simplesmente, onde calculam que os colocou? Em plena rua, fazendo atelier da via publica, instalados sobre barricas vazias e lançando nobremente, em cima de quem lhe passa perto, uma verdadeira descarga de lascas de calcareo. Ontem, á nossa vista, uma petizinha ficou com a dita um tanto arrasada. Ouve sarrabulho e gritou-se: Ih! Jesus!!

Nós gritariamos Ih! Quirino de Jesus!

COERENCIA



—Porque é que o senhor leva agora mais caro pelo peixe do que ontem? Porque sobe o peixe?
—Não vê que a maré está a subir?...

Má Língua

BOTICADAS

Têm andado as boticas em cachão —inda é capaz de haver uma «desgracia»...— por causa da reforma que a Instrução tenta levar ávante na Pharmacia.

Na illustre Sociedade Pharmaceutica Luzitana, onde a coisa se debate, com prodigios de lógica hermeneutica vão tangendo retortas a rebate.

Uns, acham que é das leis mais imperfeitas, por ir contra costumes consagrados; que, por ella, os que avlham as receitas mal se percatam ficam aviados.

Exaltados, preclamam que o governo só teve em mira de os lançar no abysmo, pois o decreto os mette num inferno, traçando sina pífla ao sinapismo.

Servindo-se do Verbo mais cruel querem ver a reforma reformada; almas e corações distillam fel sem percentagem de agua distillada.

Dão «injecções» de tropos inflammados —com effeito mais vasto que o mercurio...—; alguns tão desobridos e enxofrados que até ressumam acido sulfurico.

Como crateras vomitando escorias num cume escalavrado de montanha, assim esses vomitam oratorias sem terem precisado ipecauanha...

«Faz-se isto?!» —berra um— «Nem no Fascismo!»

Echôa outro peor do que umô féra. «Al de quem provocar um cataclismo onde o oleo de ricinos impéra!»

Parada de Conta—Abril-1927.



questão prévia

UMA senhora, que assina «leitora curiosa» e que dispõe duma destas calligrafias inglesas que á força de estilizadas se tornam ilegíveis, escreve-me estranhando que eu, que tão diversos e desvairados assuntos tenho abordado nesta cronica, não tenha ainda tratado de Amor—assim mesmo, com letra grande.

Com effeito, em sete meses de diario cronica, eu tenho apenas aflorado em algumas linhas aspectos rapidos do amor humano e do divino, sem que até hoje me tenha decidido a sentar-me á banca e, arregaçando as mangas, a declarar aos meus leitores: «Ora vamos lá a tratar do Amor!» Depois do convite formal da minha gentilissima correspondente, eu sinto-me obrigado a dar explicações sobre este omissivo procedimento.

Eu ppderia apresentar mil justificações, todas ellas decisivas. Diria, por exemplo, que o Amor, sentimento tão grande que até transborda dos corações, é vasto de mais para caber numa cronica de poucas linhas. Acrescentaria que, pela muita consideração que me merece o falecido padre Antonio Vieira, eu não ousava tratar um assunto de que ele tão brilhantemente se occupou naquele trecho que impede a Triste Viuvinha a de se casar novamente. Mas prefiro, a estas razões floreadas, a verdade nua, princi-

«—Para que ha de o governo importunar a gente com tal lei, se ella não vinga? não será perigoso seringar quem tem o monopólio da seringa?»

A um, que appoia a lei, dando á barbicêa tregeitos de perleuda verrinaria, vendo-o assim só, falo como uma bicha, alcunharam-no «bicha solitaria».

Ninguem se entende. Atiram-se ao decreto [com mais inervamentos que razões...] como um sabio escamado ao esqueleto que encontrou perro de articulações;

partem-no em cisco sem nenhum receio de que lhes salte ao olho alguma esquirula; um, que certas razões lhes contravelo, foi accusado de «adoçar a pirula».

«—Quem não tiver alma de luclador ampare-a, escôre-a, fortifique-a, encoste-a! O decreto não vinga, não senhor! Nem que intervenha o Arcebispo d'Hostia!»

Alguns,—com que propositos sinistros!— lembram venenos, uma drôgasinha... Talvez os não ministrem aos ministros; mas poem-lhes o sal na moleirinha.

Uma embalhada, emfim; que ha de acabar como accaba o que é bom, mais o que é mau, nesta terra em que se andam a lavar em aguas turvas... de bacalhau.

Hoje um sorriso, amarelloto embora? Amanhã quantas séccas, quantos tédios! Sempre gente a berrar. Um ri. Um chôra. Valha-os Nossa Senhora dos Remedios!

TAÇ

ECOS

Má Visinhança

Que.n mora ao pé do Matadouro tem noveta probabilidades contra dez de ser um neurasténico. Os animais são ainda chacinados «antiga portuguesa», de forma que os seus gritos desesperados—e tão legitimos!— fazem-se ouvir mais do que seria para desejar por vezes durante horas. Ouvem-se sobre o ruído dos electricos e dos automoveis. Ouvem-se por aquela avenida abaixo, como uma maldição agourenta. Entristecem. O «bife» do almoço sabe pior, a quem os ouviu. O se parece mais amarelo de ouro falso, mais do de pano rico dum enterro pobre. E, no entanto, já há processos—até adptados em Espanha—de matar as rezes sem dor, sem berraria, sem maldições, sem obrigar os homens a olharem-se desconfiados, na dívida de merecerem o nome de «homens»...

«Miss Inglaterra»

«Miss Inglaterra» perdeu o «Niágara», navio que devia conduzi-la á America! Chegou tarde. Teve que embarcar num mediocre navio mercante. E a pontualidade inglesa continuará a correr mundo, como um axioma... A grave, a melodica Inglaterra chega atrazada ao concurso de beleza, que segundo se deduz não é para inglês ver...

De resto, todo este concurso sugeriu paradoxos; representando a França das «midinettes», foi uma beleza ática, de impassível expressão; o Luxemburgo das rosas mandou uma morena (talvez uma rosa chá...); a Italia das madonas puras envia um rosto onde ha já vestigios duma vida intensa. Só os portugueses—os «toujours gais»—mandaram um sorriso. Nós, que nos sabemos tão sordubistico, percebemos que não está certo; mas é possível que o mundo ache graça...

Lista Negra

Atendendo aos inumeros «calotes» de tabacarias, agentes, anunciantes e assinantes do nosso jornal, que depois de firmarem os respectivos contratos se negam sistematicamente a satisfazer os seus debitos, publicaremos brevemente a lista completa dos «caloteiros», a fim de prevenirmos os incautos.

A ADMINISTRAÇÃO

fundamental por que nunca esta cronica se occupou do Amor. De resto, quando aos caloteiros anos eu lia o Paulo e Virginia, já não sei que secreta intuição me dizia que as coisas não deviam ter-se passado inteiramente como o ingenio Bernardin de Saint-Pierre as cantou.



PARADOXO



—Que é feito da tua irmã?
—Como não nos servia para nada em casa, empregamo-la como creada para todo o serviço...

Página Alegre por Xisto Junior

As fragilidades do Pires

Os leitores, naturalmente, conhecem o Pires.

É aquele rapaz de meia idade, delgado, fraquinho, quasi transparente pela sua debilidade. Um verdadeiro Pires de porcelana.

É claro que, num paiz de magrises, sujeito ha muito ao regime da meia ração, o Pires não se torna notável pela sua debilidade. O que lhe dá um merecido destaque na sociedade elegante são as suas *trouvailles*, porque o Pires cultiva o disparate com o mesmo carinho com que outras pessoas cultivam as begónias e os mangêricos.

Vamos contar algumas do Pires, para os leitores ficarem fazendo uma ideia da força do cavalheiro.

O Pires tinha um namoro contrariado. Um namoro nestas condições é como uma bota apertada; não deixa uma pessoa andar á vontade.

O pai da pequena do Pires não o podia ver nem pelo fundo, região que nos pires corresponde ás costas, e levou a filha para uma quinta que possuía nos arredores, sossegando assim um genero que o Pires considerava de primeira necessidade.

O Pires ainda recorreu ao comissário dos abastecimentos denunciando o açambarcamento, mas nem este nem o comissário de policia deram as providencias requeridas e o Pires decidiu-se a raptar a pequena, para o que se dispôs a saltar o muro da quinta, em riscos de se quebrar.

Um amigo, a quem ele pôz ao facto do projecto, tentou dissuadi-lo do proposito com razões de ordem moral e fisica.

—Olha que na quinta ha um grande cão! Olha que o velhote deita-te o cão e tu ficas sem uma perna...

E o Pires, muito senhor de si:

—Um Pires não tem medo dum cão. Se ele me deitasse um gato, então sim, é que eu ficava defeituoso.

Uma vez falava-se diante do Pires da mania que tem muita gente de se adaptar á lingua provinciana ou ao sotaque de regiões ou países diferentes do seu.

Contava-se dum sujeito que, tendo estado quinze dias em Paris, já não sabia dizer senão *merci* em vez de obrigado e dum outro que tendo ido



ao Brasil, onde nem sequer desembarcou, veio de lá a falar brasileiro como um nativista.

O Pires interveio na conversa, em defeza dos que assim se adaptavam, alegando que era influencia dos climas.

—Querem vocês saber uma interessante, que se deu comigo?

«Eu tinha um cão muito inteligente, nascido aqui em Lisboa. Quando eu estive para ir para a Africa, dei o cão a um amigo meu, que era do Porto, para onde levou o bicho. Depois, como vocês sabem, convenci-me de que a Africa é para os africanos e de que o trabalho é bom para preto, e desisti da viagem.

«Mandei pedir o cão ao meu amigo do Porto, que mo remeteu na volta do correio, isto é, na volta do comboio correio. Pois, meninos, o cão assim que me viu fez-me muita festa, deu muitos pulos e começou a ladrar.

—Véo! Véo!
«Tinha estado só tres meses no norte, mas já trocava os *bb* pelos *vv*».

A proposito da linda cabeleira do Pires, lembra-me que uma vez o encontrei, muito repousadamente tomando um capilé, numa leitaria elegante. Abanquei e extranhei encontra-lo por ali, com um ar tão radiante e beatífico.

—Homem, — disse-me o Pires — estou aqui pelos cabelos.

—Mas tu não estás com ar de quem está impaciente ou apressado!

—Não tenho pressa nenhuma. Digo que estou aqui pelos cabelos, porque está ali uma senhora, naquela mesa, a quem eu ouvi gabar-me a cabeleira.
«Já vês ...

O Pires, em regra, anda pouco informado dos acontecimentos mundiais. Nestes assuntos a sua ignorancia é tão grande que chega a não saber quem foi que descobriu o caminho marítimo para a India e se quem venceu a ultima guerra foi a Alemanha ou os aliados.

Por isso ninguem estranhou, quando o Pires, ha dias, num grupo, fez esta pergunta:

—O' meninos, vocês sabem se ha outra vez alguma cousa entre Marrocos e a Espanha?

—Escaramuças — informou um dos presentes.

—E eu a julgar que entre os dois países só havia o mar — disse o Pires, muito naturalmente.

E depois de estar pensativo uns momentos:

—Então ha barulho, hein? Lamento, porque isso obriga-me a mudar de casa.

—Mudar de casa? Porque? Tu moras em Melilla?

—Não, mas móro na rua dos Mouros, em casa duma espanhola.

A's vezes sucede ao Pires arranjar um namôro.

O Pires é um sentimental, sofrendo de romantismo agudo, e nestes assun-



tos de amor gosta de reviver as situações classicas do Romeu e Julieta e outros amorosos da literatura.

Ha tempos andava ele todo entusiasmado com uma pequena com quem devia assinar nessa noite a primeira sessão de gargarejo, para a qual

o Pires preparara algumas frases todas referentes ás estrelas e aos passarinhos. Um mimo de sentimento, em suma.

No dia seguinte encontrei-o. Vinha furioso. Interpelei-o:

—Então a pequena, que tal, como sentimento?

—Deixa-me cá! — disse-me o Pires' entre pezaroso e indignado. — Uma materialona! Educações de cinematografo, que queres tu?

—Mas então ela tentou contra o teu pudôr?

—Olha que pouco faltou! Imagina tu que eu disse-lhe uma porção de coisas lindas e quando se esgotou o *stock*, para dizer mais alguma coisa, perguntei-lhe: «Como se chama?»

E ela, com um cinismo todo material:

—Eu? Fêmea!

XISTO JUNIOR



O PROGRESSO



—Eu dou-lhe uma esmola, mas não sei como o senhor a pode receber — sem mãos, sem uma escudela...
—Faça-me o favor de a depositar á minha ordem no Banco...

TESTEMUNHA OCULAR



—O sr. vem da Italia?
—Cheguei de lá ha 15 dias...
—Diga-me, é verdade que a Italia tem o feitiço dama?

UM JOGO EM VOLTA DO JOGO



O saloio, enquanto o coelho vai roendo... — Não jogo, nem nunca jogarei! Quero o monopólio cá para os arredores, para vender a concessão e os terrenos valorizados, e ir viver para Lisboa, num palácio da família...

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING

Uma belesa mundial

Página de sensacionais revelações, cheia de interesse e de imprevisto.

QUANDO aqui há tempos o Inocencio me falou da excepcional belesa duma senhora empregada na «Mundial», eu não fiz maior reparo, se bem que tais revelações sempre me interessem.

Mas na verdade, naquele dia, entredito na conversa, não exigi mais pormenores. Depois de o ter deixado é que recordei as suas palavras e senti a natural curiosidade de conhecer a feliz possuidora de tão grande formosura.

E estava precisamente procurando a forma de confessar o Inocencio, quando da redacção me trouxeram uma carta em que um pretense cavalheiro, com letra de senhora e um nome que logo se reconhecia forjado «ad hoc» para a missiva, dizendo se empregado da «Mundial», me pedia com interesse a publicação do nome da senhora a que o Inocencio, na sua inocentissima allusão se referiu, a fim de evitar mal entendidos e presumiveis complicações.

Reconhecendo que tal pedido era justissimo e vindo o mesmo ajustar-se exactamente ao meu desejo de conhecer tambem a formosa desconhecida, só me restava procurar o Inocencio e pedir-lhe explicações.

Foi o que fiz immediatamente.

E entrando no seu modesto gabinete de 8 horas de trabalho, abordei logo o assunto:

—V. recorda-se de me ter falado aqui há tempos, a proposito do concurso de belesa, duma verdadeira belesa mundial, empregada na Companhia de Seguros do mesmo nome?

—Se me recordo! Não se me tira mesmo do pensamento.

—Será isso contagioso? Porque eu tambem não penso noutra coisa e foi ela precisamente que aqui me trouxe.

—Mas porque não me preveniu, fez logo o Inocencio levantando-se num sobressalto,—vou já mandar subir...

—Mas não, Inocencio, o que me trouxe aqui foi o desejo de saber de quem se trata. Saber quem ela é, compreendeu? E por isso pretendo, ou melhor, exijo da sua boa amizade a revelação do seu nome, o reconhecimento da sua identidade. E digo exijo porque desejo evitar gravissimos acontecimentos, tremendas complicações que um tal enigma poderá acarretar, compreendeu?

—Compreendi—tornou, sentando-se, o Inocencio, que na verdade pelo seu aspecto mostrava á evidencia não ter compreendido coisa alguma.

Tambem não admira. Eu fui tão precipitado que o desorientei completamente. Expliquei por isso melhor o meu desejo e ele então, a trasbordar sinceridade, confessou que não a conhecia.

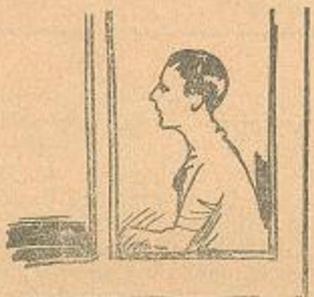
—Mas como sabe então que ela é bonita?

—Conheço-a apenas de vista.

—Alguna vez que lá foi á Companhia?

—Não. Eu vou contar-lhe como isto começou. Tenho o habito de subir todas as tardes o Chiado, depois de sair da repartição. E' um velho habito. Aprecio imenso aquele perpassar de

automoveis de senhoras elegantes, aquele movimento febril dos pardais que vão pousar nas arvores da praça do nosso grande épico e aquela imobildade dos janotas que vão tambem pou-



... duma verdadeira belesa mundial...

sar em póse nos humbrais dos varios estabelecimentos.

—Em mim, é já um vicio todas as tardes subir até ao Largo e ouvir um pouco de musica na Garrett.

—Mas V. trata-se bem! Isso todos os dias deve sair por um dinheirão.

—Isso sim. Eu ouço apenas a musica cá da porta; ou quando muito, á entrada da sala. E tenho varios colegas que são tambem certos todas as tardes com o mesmo sistema e para o mesmo fim.

—V. não toma nada?

—Isso sim. Ouço apenas o concerto. Mesmo não posso comer ao som da musica. Nem sei como ha quem o consiga. Eu não posso. Ponho-me logo a mastigar a compasso. Não está mais na minha mão. Ainda quando me tocam um tango, vai a coisa bem. Mas quando sai uma daquelas musicas modernas, rapidas, febris, não aguento. Fico com os queixos derreados.

—E', afinal, apenas um freguês de ouvido.

—Sim, apenas um ouvinte. Nunca um pagante.

—E' impagavel.

—E' o preço que me convem. Uns dias por outros ainda vou lavar as mãos, para dar a impressão que já comi, ou falo ao telefone, a fingir que espero alguém. E assim me vou servindo da musica como aqueles que pagam.

—Mas, afinal, o Inocencio está divagando e vai já muito longe do que eu lhe perguntei.

—Puro engano. Cheguei precisamente ao assunto que lhe interessa. E' dali, da porta da Garrett, que eu tenho visto a tal pequena.

—Dali?

—Sim; é uma pequena que trabalha

perto duma das janelas e cuja formosura me fascinou. Cabelo louro ondeado, cortado á moda, á inglesa, como nós, uns olhos lindos, enfim, um encanto, meu caro amigo, um amor, uma tentação...

—E V. já tentou alguma coisa?

—Não.

—O quê? Nem ao menos saber de quem se trata? Mas isso é o cumulo. Que não tenha procurado ainda pelo menos saber o nome dela, saber quem é, onde móra, quantos anos tem, enfim, qualquer destas coisas que todos nós indagamos logo: a sua idade, a sua residencia, o seu estado...

—Oh! E' interessante!

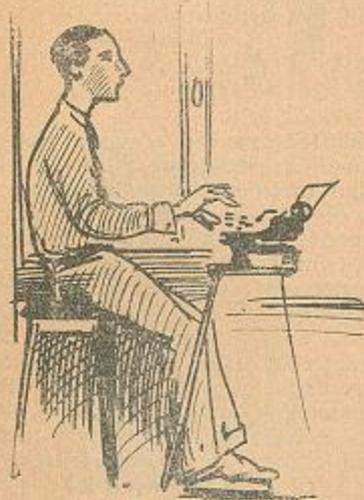
—O quê?

—E' interessantissima, não imagina. Isso me basta. Vê-la de longe, admira-la diariamente áquela luz diafana da tarde no Chiado, através do cristal duma janela, como que emoldurada...

—Pois, meu caro Inocencio, isso acabou.

—O que me diz?

—V. vai pôr de parte em absoluto esse inexplicavel platonismo e vai saber, vai indagar, vai informar-se—para me informar depois,—de quem se trata. Preciso de saber o seu nome, preciso de revelar esse enigma, desvendar



... rapazito novo, branco e loiro ...

esse misterio. Tenho nisso o maior empenho. E é de resto justissimo que a tão grande belesa se dê o relevo merecido, á maior publicidade.

—Mas como quere que eu saiba?

—Muito simplesmente. Vai lá sob qualquer pretextto; pergunta quem é, como se chama aquela senhora que trabalha junto da tal janela. Dá os si-

mais. Diz o local exacto onde costuma vê-la, enfim, tudo o que possa indicar de quem se trata...

—E digo que é uma coisa urgente, que é por causa dum enigma, dum misterio?

—Diga lá o que quizer, mas traga-me pelo menos o seu nome.

Inocencio parliu, prometendo voltar daí a pouco na posse das informações que eu reclamava.

Esperei, naturalmente ansioso, os momentos que lhe precederam o regresso.

Efectivamente, depois dum longo intervalo de impacencias, surgiu de novo, mas com cara de poucos, mesmo de nenhuns amigos.

—Sci tudo—murmurou.

—Ora ainda bem.

—Custou-me bom trabalho, mas se tudo.

—O seu nome...

—Sim, o seu nome e tudo o mais. Olhe, escusava até de saber tanto. Bem melhor tinha sido continuar naquella doce illusão que me dulcificava a existencia.

—Mas V. o que tem? Está soluçante, tem a tez marfilinea e um tom Hamletico.

—E tenho todas as razões para estar assim... omeletico...

—Sim, omeletico tambem; não admira. V. passa as suas tardes á porta dum «restaurant». Mas diga-me o seu nome e não me faça sofrer mais.

—O quê, pois não o sabe? Inocencio Lopes da Silva Calado.

—Não senhor, o nome dela.

—Não faça caso; venho com a ca beça transtornada. Pois quere saber quem é? Quere saber quem me traz fascinado ha um mês seguramente?

—Não quero mesmo outra coisa. V. parece que não vê a minha ansiedade, o meu interesse?

—Lembra-se de eu lhe ter dito que via a sua silhueta, ou melhor o seu busto, através do cristal duma janela; o seu esbelto perfil...

—Lembro, sim, mas desembuche.

—Lembra-se tambem de eu lhe dizer que a sua pele era branca, o seu cabelo louro e ondeado, cortado como o nosso, á inglesa...

—O' homem, já lhe disse que me lembro de tudo isso, mas despache-se, diga isso por uma vez. Chama-se então?

—Nem vale a pena dizer-lhe. Não lhe interessa, com certeza...

—Garanto-lhe que se engana.

—E' que, afinal, quem trabalha junto da tal janela é um empregado da Companhia, um rapazito novo, branco e loiro...

—O' Inocencio!!! E só agora é que V. o descobriu! Vá já tratar-me dessa vista.

—A culpa não é da minha vista. E' destas estupidas modas actuais, que permitindo tanto para os homens como para as senhoras o mesmo corte de cabelo, a mesma cara deserta de ornamentos capilares e até por vezes o mesmo cigarro e mesmo um identico monoculo, nos trazem tão pavorosas, tão tragicas decepções.

AUGUSTO CUNHA

UMA PAGINA DE EVOCAÇÃO
HISTORICA

A H! lisboetas, lisboetas que bairro este de palácios e de baiúcas, de ruas imbricadas e pitorescas onde o caracter popular se reflete como o azul violento de um ceu numa

toalha de águas tranquilas!

Aqui se pintam e estampam as gazetas, aqui se estadeiam as graças fanadas do mulherio pecador, e a taberna engole e vomita a vadiagem para a arruaça nouturna! Bairro de notivagos e de madrugadores, bairro pimpão e estúrdio, bairro trabalhador e probo, eu te saúdo! Outro não tem Lisboa, como tu, mais esforçado na luta pela vida, mais folião e mais conforme a esta cidade desleixada, fatalista e galhofeira! Na sua fisionomia és a feição mais saliente, a que marca melhor o tipo familiar, a que denuncia, logo á primeira vista, o sangue fidalgo de outros tempos inquinado das aventuras de gente do sobrado com gente de loja, de senhores e de servos, mistura prolífica que deu caracter ao seu genio cantador de chácaras e lun-luns no ar morno das cavalariças, donde veio o fado de 1860 repenicado em violas braguesas pelos botequins do sitio! Bairro alto! Bairro alto! Cruzando as tuas ruas embandeiradas de roupa a secar nas cordas retezadas pela sugestão de um gurupez, (lembração da marinharia antiga na póvoa cavaleira que tu foste), respira-se um pouco desse Passado; e cada casa de empena de bico, cada cunhal de pedra tostada de sois e de invernias, cada janela enramada de nespereiras, cada locanda de vinhos, cada loja de ofício vem para os nossos olhos com tanta graça e tal encanto que outras não há, na cidade que lhe sofram a comparação. As pedras das calçadas, a telha moirisca, as vidraças miúdas, a estreiteza das serventias, a luz escassa, tudo quanto é atrazo e resistência ao progresso, conservam a população pitoresca que te anima e te dá caracter.

A antiga Lisboa tem em ti o seu mais sólido baluarte. E's quasi uma cidade á parte, como um velho bairro coutado, defezo, pela tradição, á gente moderna que não te aprecia nem entende, nem sabe ouvir, filtrando a nos ouvidos, toda a poesia fatalista da velha quadra:

Eu venho do Bairro-alto
com vinte e cinco feridas,
por andar tangendo amores
á adufa das raparigas!

Gosto de correr as tuas ruas ó cavaleirosa. Vila Nova de Andrade!

Dá cá o braço—leitor amigo!—e anda daí que tens que ver. Entremos-lhe no coração pela travessa da Queimada—que será feito da Ana Queimada que lhe deu o nome, velha dona quinhentista que tem aqui a sua unica celebridade! Estamos na rua do Norte, irregular, torcida, alita para se emparelhar com a de S. Roque. Começam as tabernas com a isca a cheirar, os balcões negros a fazer de avental aos pi-

pos e, na montra, entre outras iguarias, o seu prato de linguça com o ovo no meio, posto ao alto, visão apetitosa para os *gourmets* do Torres e do La-



vradio! Agora são as tipografias, os jornais, as redacções instaladas nos velhos casarões esbarrondados. Atravez os postigos vêem-se os perfis dos típógrafos recortados num fundo negro em frente aos caixotins, e, das portas e patamares azulejados, saem correndo os garotos das provas e os aprendizes dando folga ás pernas que hão-de mais tarde immobilizar-se. Depois os *Penhoristas*—ha tantos no Bairro-alto!—com a montra dos oiros a tentar os olhos dos pobres. De quando em quando uma janela de tábuas verdes adocelando as *Circes* de rosto aimagrado como a *Impéria* do «D. João» quando não é o lençol pendido e lá ao fundo, sob a estampa do «Senhor dos Passos», a cómoda de cerejeira com o *chrochet* em cima e o seu vidro de água de Alfazema.

Passa-se á rua das Gáveas e á dos *Calafates*, tudo nomes marinhos que cheiram a salsugem, na memória. Restos de palácios, sombras de ruínas, A da *Atalaia* acorda reminiscencias guerreiras da velha rua talhada nos

O Bairro Alto

Estreou-se no Teatro S Luis—a bela sala de inolvidaveis tradições—uma grande peça popular: «Bairro Alto». A propósito, e como homenagem ao espectáculo, convidámos o nosso eminente colaborador sr. Matos Sequeira a evocar, com a mestria em que é unico e o poder de erudições em que éo primeiro, o velho Bairro Alto. Ele oferece-nos a formidavel pagina que ides ler e que, na noite da festa do autor, Armando de Vasconcelos, director da Companhia do S. Luis, recitará como prologo diante do seu publico.

campos arrabaldinos onde os castelhanos assentaram arraias contra a cidade do nosso D. João I, e os ingleses, que vastas lojas abobadadas de antigas cocheiras, feitas armazens de moveis, vieram com o Prior do Crato, acamparam assustados, E' o ponto culminante do bairro, sobre o Combro que deu nome á rua onde depois os Paulistas erigiram o seu cenóbio, e os Calharizes, os Castro Marins, os Almadas, os Ficalhos, os Sobrais, e os Sandomil estadearam os seus palácios. A travessa da *Espera*—divisa desordeira do Bairro, álerca para os rufiões e pícaros de todas as épocas, entremeia o seu aviso arruaceiro com tascos burgueses onde a gente das gazetas acamarada pacatamente, e a *das Salgadeiras*, evocação de um mister recorda uma tragédia antiga, o assassinio de um fidalgo provinciano por amores da «Esteireira» cómica de pólpa que o enfeitara. Cada uma tem a sua cronica. Quantas histórias! Quantos dramas! Quantas comédias! Há a *do Poço* e a *da Agua de Flor* que nos dessedentam; a *da Orta-Scca* e a *do Sequeiro* que nos crestam a guela; a *do Carvalho*, a *da Vinha* e a *das Flores* que acordam quadros bucólicos e campesinos; a



Formosa que nos sorri; a *do Trombeta* que são clamorosa pelo bairrista que lhe deu o nome; a *dos Fiéis de Deus* que desperta a piedade cristã na recordação da velha costumeira de

atirar, com um padre-nosso, uma pedra simbólica aos pés da Cruz; a *dos Mouros* que nos faz entrever a escarvaria quinhentista alojada nos baixos do casarão imenso que foi depois dos Galvões Mexias; e ainda a *da Rosa*, da famosa Rosa que ainda ninguém sabe quem fosse, dona sabida em demandas e que ensandeceu juizes e letrados com as suas intrincadas partilhas. Quem seria a Rosa das Partilhas?

Estamos agora no *Cunhal das Bolas*. Com uns passos mais, chegamos ao velho Teatro do Bairro-Alto, trono de fantoches e de cómicos, onde o Judeu e o Nicolau Luiz deslumbraram os lisboetas com as suas óperas e trafoiras. Segue-se o Palácio do Conde de Soure, depois o Moinho de Vento, S. Pedro de Alcântara e São Roque.

Que animação, que vida, que caracter em tudo isto! A' frase cúpida e provocante atirada dos peitoris sobre os passeantes, junta-se a ingresia do gentio errante sem eira nem beira, os pregões cantados dos vendedores! *Maltezes e malhados, farruscos e listrões*, repotriam-se ao sol, nas soleiras, espreitando os restos de peixe que enternecidamente se lhe atiram ou namorando as canastras que as varinas esbeltas poisam nos passeios. Marçãos, garotos, moços de taberna, miudagem que um dia ha-de ter alcunha e andar nos jornais, correm atravessando as ruas, e, quando a noite cai, grupos de tropa e de marujos invadem todas estas ruelas e travessas em rondas de pecado que só acabam de imprecar, de cantar e de tropear palavrados estranhos, quando a manhã, entrando a clarear, leva para casa a gente das gazetas, extenuada do trabalho, os nervos gastos, os olhos queimados, o cerebro entorpecido, quanta vez ao som do ultimo fado dedilhado ás esquinas soturnas, ou de dentro das casas onde ainda ha luz e de donde a desgraça nunca saíu...

Quem tiver filhas no mundo
não ria das desgraçadas...

E agente mentalmente, completa-o com os dois versos antigos que o acaso levou a rimar.

Eu venho do Bairro-alto
com vinte e cinco facadas.

Mas então isto é a apologia e o elogio da facada e da miséria, da rufagem e do vício, da rotina e da imundicie, perguntará o leitor? Não, não é. É apenas o elogio da cór, que subverte o anátema á miseria social; a apologia do caracter forte do gentio miúdo que mantém o pitoresco e o sabor, que não ha na gente moderna nem nas *Avênidas Novas*, e que só existe e perdura, arreigado como a própria fatalidade, nisso a que o grande Cesário Verde chamava:

«a formidavel alma popular».

MATOS SEQUEIRA

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING

As luvas

Um caso de historia ou de auto-sugestão? Em todo o caso, um caso absolutamente veridico, com fidelidade reproduzida por uma nossa colaboradora.

RECEBI hoje a visita da Zélia, que é morena e gosta imenso de rir. Vinha nervosa e pediu-me uns minutos de atenção, em particular. Ouço-a sempre com delícia. A Zélia põe colorido e gramática nas suas frases incisivas e, sobre o pano de fundo da sua boca fresca, os seus dentes muito luminosos são a ribalta onde se pavoneiam as palavras em altitudes sempre harmoniosas...

Mas, desta vez, a Zélia assustou-me. Vinha doente, quebrada, ofegante; vinha pedir socorro, socorro contra o incêndio do seu corpo a arder em febre. Pegou-me nas mãos e falou-me com sinceridade, chegando, por vezes, a esquecer-se de que eu a estava sempre admirando. Por momentos, até perdeu a gramática e a «linha»; descarrilhou; teve mascaras burlescas de pavor... Mas, tem a palavra a Zélia.

— «Sabes, minha querida, o que me traz por cá? Pedir-te uma coisa muito simples e muito extraordinária: se entregavas este embrulhinho á tua professora de piano, dizendo-lhe que era uma «lembrança» tua, um presente... Queres saber o que vem no embrulhinho? Três pares de luvas de camurça, do melhor que se encontra em Lisboa... Queres saber o que me levou a comprar três pares de luvas para a tua professora de piano, para a D. Efigénia...? Foi vêr se te convencia a roubar-lhe as luvas de camurça amarela, com franjas, que ela usa agora e que trouxe de Paris, quando o maestro Sousa a levou, na excursão...

— Roubasse?! Como se explica...? — Explicar é difícil... Trata-se apenas de roubar... Dize-lhe, por exemplo, que precisas urgentemente dum par de luvas amarelas e que as lojas estão já fechadas. No dia seguinte, contas que as perdestes, e como indemnização ofereces essas que eu trouxe... Compreendes?

— Não compreendo cousa alguma. — Ouve... Tu lembras-te das «Excentricidades duma rapariga loura», aquella desconcertante novela do Eça onde se desenrola um estranho drama burguês? Um rapazola honrado, noivo e feliz, averiguou que a noiva roubava, por «sport» ou por mania, nas lojas onde entravam para fazer compras. E' vexatório, é complicado, tudo aquilo. No entanto, admite-se, explica-se, aceita-se. Agora o roubo das luvas com franjas da D. Efigénia, esse roubo a que eu venho incitar-te e que me parece indispensável, é dum absurdo esmagador!

— Conta lá essas «Excentricidades duma rapariga morena»... Confessa abertamente que invejas á D. Efigénia o seu par de luvas parisienses, amarelas...

— Com franjas! Não te esqueças nunca de que são luvas com franjas... Eu queria explicar-te, mas sou capaz de não ser capaz...

— Experimenta... — Eu encontro-me com a D. Efigénia todas as terças e sabados, em casa da Licas, de quem ela é professora. Uma terça-feira, logo depois da excursão a Paris, vi entrar a D. Efigénia, muito

tímida, com o seu vestido de sempre — aquela pobre rabona castanha com rebuços de veludo preto —, mas trazendo calçadas umas impossíveis luvas de camurça amarela com grandes franjas no punho... Um par de luvas de espadachim; umas luvas desirmanadas com



Mas, desta vez, a Zélia assustou-me.

o resto; umas luvas imponentes demais para um tão insignificante casaco.

Fiquei aflita e já não consegui desprezar os olhos de semelhante horror em forma de luvas...

Daí a pouco, a D. Efigénia desentolava as suas impressões de viagem. Realizava o seu constante sonho: estiveira oito dias em Paris; engulira a neblina dos «boulevards», visitara os armazens e o museu Grévin. Comprara pouco, muito pouco, mas tudo baratíssimo... Aquelas luvas com franjas, por exemplo... compradas nas «Galeries», por quinze francos... E a D. Efigénia, a faminta D. Efigénia, que fôra a Paris á custa dum maestro e não compra cousa alguma — além das suas luvas de franjas — tomava ares de entendida, ao citar ruas, monumentos e hotéis «palaces», como se o Cariston tivesse feitiço para a receber, como se cem vezes não trocasse o nome de Trocadero...

Depois de falar muito, a D. Efigénia foi dar lição á Licas, mas, antes de passar á sala contígua, onde está o piano, descalçou as luvas e colocou-as muito espetadas, ainda muito cheias das suas mãos papudinhas, sobre o «sofá» onde eu estava sentada.

A partir dêsse dia, as luvas da D. Efigénia foram a minha idéa fixa. Aquellas luvas com franjas tornaram-se conflagradoras... Passei a vê-las a todo o momento; passei a sonhar com elas, a encontrar-lhes expressões pro-

vocantes e alma bastante escura; passei a humanizá-las, a identificá-las com dois monstros amarelos, como ídolos chineses talhados em marfim franjado... A idéa de que andava nas ruas, á vista de todos, uma D. Efigénia — a verdadeira pobreza envergonhada — de rabona castanha e luvas amarelas de altos canhões com franjas, pesava-me como uma tara particular, como vergonha que sobre mim recaísse...

As terças e sabados, em casa da Licas, eu vivia o meu pesadelo, e sentia uma volúpia doentia quando a D. Efigénia colocava junto de mim, num lugar em evidência, sobre o «sofá» adamacado, as suas luvas parisienses... Mal a pobre senhora se afastava, logo eu me voltava de maneira a ficar frente a frente com as luvas, não fosse o caso que elas me atacassem por detrás, á traição... E punha-me a olhá-las com um atrevimento postigo, com uma audácia que me extenuava... O tempo não as envelhecia, desgraçadamente: nem manchas nem rugas naqueles dedos inchados, naqueles cachos de bananas sem nódoas negras... E as franjas cada vez mais franginhas.

Depois, veio-me uma revoada de bom-senso.

Afinal, o que naquelas luvas me afligia era a sua indiscutível fealdade, era a desarmonia da sua presença junto dum rabona castanha...

Um dia, para desfazer as minhas apreensões, usei mesmo tocar-lhes,



Em certa altura comecei a rasgar, a rasgar...

enquanto a D. Efigénia, na sala contígua, tocava Chopin a quatro mãos, com a Licas... Muito ao de leve, com mil precauções, aproximei a minha mão dum dos dedos amarelos, tumefactos, e, cobardemente, pondo os meus cinco dedos a lutar com um só, carreguei e achatei-o, devagarinho, com a

maior crueldade, com infinita consolação... Nêsse instante, todo o meu corpo vibrou de prazer, sensualmente, como se experimentasse a mais rara carícia...

De repente, na sala ao lado, alguém soltou um grito espontâneo, desafinadíssimo. Abandonando o meu prazer, corri a vêr o que era... Era um dedo da D. Efigénia que ficara quasi esmagado sob a tampa do piano... Sentime empalidecer... Um dedo da mão amachucado, no preciso momento em que eu amachucava um dedo da luva... E era o mesmo dedo... era o médio, da mão direita...

Enquanto a Licas tratava a mão contusa, eu tremia como varas verdes e, cambaleante, a correr, como quem foge do local dum crime, vim para casa e fechei-me no meu quarto... Não consegui chorar, desfazer o nó da garganta, mas adormeci, exausta. Tive pesadelos que nem posso recordar. Os dedos de camurça estrangularam-me, não sei quantas vezes... A minha mãe ouviu-me gritar, e eu só descansei quando ela se deitou ao meu lado, a acariciar-me o pescoço com os seus dedos de veludo... Não lhe contei nada, porque não me entenderia... Tu própria, também não entendes, pois não?

— Entendo: os teus nervos... os teus nervos...

— O comentário que ouviria á minha mãe...

Oito dias depois voltei a casa da Licas, lá resolvida a jogar a última cartada. Desta vez, esmagaria, num rompante, todos os dedos das luvas amarelas, de franjas... Quando entrei já a D. Efigénia estava na casa do lado, sentada ao piano, e já as luvas estavam sobre o «sofá». Instalei-me ao lado delas, e era tão absoluta a minha certeza de vencer, que até já me pareceram irrisórias e diferentes: mais pálidas e murchas; menos tufadas e humanas. Não tive um instante de hesitação e apertei-as nas mãos, com furia, com a maior violência...

Ah! Agora não sei bem dizer-te o que se passou! Sei apenas que os dedos inchados das luvas reagiram contra o meu ataque e lutaram desesperadamente para se libertar... Defenderam-se heroica e brutalmente... Entrelaçados nos meus, os dedos das luvas apertavam como torniquetes, apertavam como tenazes de gelo... Porque eram frios, gelados, duros como ferro frio... A minha surpresa, o meu pavor cortavam-me as forças, mas a minha exaltação era cada vez maior... Foi um combate feroz, juro-te. Mas eu venci, venci deslealmente, combatendo com ambas as mãos... Em certa altura, comecei a rasgar, a rasgar á doída, as mãos de camurça... Separei os dedos já inertes; tornei os dedos em franjas e as franjas em farrapos. Gastei um esforço enorme, desesperado... O coração não me cabia no peito, e sentia-me desfalecer. Mas consegui ser senhora de mim até o momento do triunfo, até vêr bem que das luvas inchadas, horríveis, assustadoramente vivas, restava apenas meia dúzia de farrapos...

CONTINUA NA PAGINA 8

AS LUVAS

CONTINUAÇÃO DA PAGINA 7

Quis então pôr-me de pé e sair antes que aparecesse a D. Efigénia, antes que aparecesse a pobre rabona castanha, agora já viuvinha das suas ricas luvas de franjas... Mas ao tentar erguer-me, deu-me uma tontura e perdi os sentidos...

Perdi a noção de tudo, e sei apenas que, uns minutos depois, ao voltar a mim, me encontrou estendida no «sofá», e vi a examinarem-me, compadecidos, os olhos límpidos da Licas e os olhos inflamados da D. Efigénia.

Fiz um movimento para me levantar, mas, nesse instante, a D. Efigénia pousou-me as mãos no ombro, para não consentir... E então, então, ouve, minha querida, ouve... (e a Zélia chegou-se mais perto de mim, e falou com voz rouca, uma voz íntima, só para as primeiras filas de «auteuils»...), ouve a parte mais desconcertante, mais angustiada, de toda esta barafunda... As mãos pousadas no meu ombro, as mãos da D. Efigénia, estavam pretenciosamente enluvasadas... E as luvas eram amarelas, de franjas... Eram as mesmas, as mesmas, exactamente as mesmas que eu despedaçara havia momentos, que eu reduzira a meia dúzia de farrapos informes!

Com estas palavras, a Zélia largou a chorar, e eu impressionei-me ainda mais, porque a julgava só capaz de rir.

Passado o instante de tragédia, a Zélia pôs fim á sua estranha narrativa, declarando-me que não teria um minuto de sossego enquanto não soubesse que estavam destruídas aquelas luvas infernais... Pedia-me que tomasse isso a meu cargo, e que não lhe dissesse nada, a não ser que sim, que destruiria as luvas...

Via-a tão exaltada, tão desvairada, que lhe prometi tudo.

A despedida del-hei um beijo mais amigo, menos protocolar. Persuadi-me que só a tornaria a ver num pavilhão do Telhal ou da Idanha, e fiquei cheia de pena.

— Quem fala aí...
 — 1, 2, 6, Norte. Sou eu... E's tu, Licas?
 — Sou... Queria pedir-te notícias da Zélia. Fui hoje visitá-la; não estava... Disseram-me que tinha ido para a tua casa... Que tal a achaste...?
 — Exquisita... nervosa...
 — Tudo aquilo anda desafinadíssimo...
 Tem crises assustadoras. Há dias, na minha casa, teve uma síncope depois dum ataque de nervos...
 — Bem sei... Num dia em que estava lá a D. Efigénia... A Zélia contou-me.
 — Coitada... Imagina que até me deu cabo dum as luvas novas, que estavam em cima do «sofá»... Eu—é claro—nem lhe falei nisso... Rasgou-as em mil bocadinhos...
 — Um as luvas amarelas, de franjas...
 Quasi iguais ás que a D. Efigénia trouxe de Paris...
 — Exactamente. Como sabes...?
 — Depois te explico.

A Zélia não chegou a ir para a Idanha. Mas estou em crer que se não foi, a mim o deve. Dois dias depois de vir visitar-me, recebeu a minha visita e assistiu, deleitada, radiante, á destruição, pelo fogo, das luvas amarelas da D. Efigénia, luvas que eu conseguí haver ás mãos, usando de certa diplomacia...

Pouco a pouco, a Zélia foi serenando, foi esquecendo... Há dias, estava em minha casa quando entrou a D. Efigénia, que trazia umas luvas castanhas de canhão curto, com dois botões iguais a todos, umas luvas que deixavam ainda ver uma nesga do pulso; umas luvas anónimas, sem pretensões a mãos; umas que eram francamente luvas... Chamei a atenção da Zélia para esse tranquilizador e apaziguante detalhe. Despreocupadamente riu-se, e, perversamente, inquiriu da pobre senhora:— Diga-me, D. Efigénia, que é feito daquelas suas luvas amarelas, de franja, compradas em Paris...? Eram tão bonitas, tão boas! E diziam tão bem com a cor desse casaco...

T. L. B.

MOINHO DE PACIENCIA

SECÇÃO CHARADISTICA
 SOB A DIRECÇÃO DE
 CARLOS RODRIGUES
 ORDIGUES (da T. E.)

Apuramento do n.º 4 (4.ª SÉRIE)

COLABORADORES
 QUADRO DE DISTINÇÃO

JAMENGAL	
N.º 3	11 Votos
N.º 1, de EURISTO	2 votos
N.º 12, de GABI	1 voto

DECIFRADORES
 QUADRO DE HONRA

AFRICANO, D. GALENO, DROPÊ, D. VASCO, HOFER, LHALHA, ORLANDO O-PALADINO, REI FÉRA, VASCO DIAS, (todos da T. E.); DITÊ, MAMEGO, ORDIGUES.
Com 17 decifrações (Totalidade)

QUADRO DE MERITO

BIXO KNHOTO (12) EURISTO (10)

OUTROS DECIFRADORES

POPORONOFF, RENANDOF (8), JAMENGAL, SPARTANUS, UTS (6), DOIS PRINCIPIANTES (5), VISCONDE DA RELVA (1).

DECIFRAÇÕES

PRODUÇÕES MENOS DECIFRADAS

DEDICATORIAS

CHARADAS EM VERSO

1 Um morbido desejo: aspiração dourada
 A resurgir da luz o sol da nossa vida
 Mesquinhas ilusões; abrir duma alvarada
 Num suspirar mavioso em canticos erguida!...

Sorrir indefinido! emanção sentida
 Que finge rebrilhar na aboboda sagrada;—3
 Respiandecer do Belo—adoração vendida
 Num templo outrora nu, que se transfere ao nada!—1

Exgotado prazer! as alvas seduções
 Sucumbiram tambem nas asas das paixões
 Alucinadas, vis, em ondas de Valdeade...

E quando a maldição acerrima custosa
 Cair sinistra e má a gente dolorosa
 Pragas há de lançar á falsa Humanidade!

Dalundo D. SIMPATICO (T. E.)

2 Que belo é o mar nas temporadas quentes—1
 Que doce as ondas ver a espraíarem-se leves,
 Entoando javais, em canticos fremeantes
 Uma oração de amor resada em frases breves.

3 Que belo é contempla-lo em épocas calmosas
 Vendo as ondas rolar vagarosas na areia.
 E que emoção nas costas ao ver las poderosas
 Avançando cruéis, quando é a maré-cheia.

4 Na época invernosá é mais emocionante
 Ouvilo a soluçar num murmúrio de dór,

Causando muita vez a morte cruaante
 A quem nele procura o pão com tanto ardór.

5 Mas quando a tempestade amaina, e vem o sol
 Beijado de maninho, o mar volta outra vez
 A' sua quibitudo, e as ondas de arrebol,
 Convidam um mancho a amar com singalez.

Lisboa LORD DÁ NOZES
 (Agradecendo a Marianita os «bicos de obra» que nos oferece).

6 Não advinha a estopada,—4
 Nem sapie—25 em o sel!—1
 Os martirios que passei
 quando, por men mal, tutei
 uecitrar a decifrada...

Lisboa BIXO KNHOTO
 CHAR «DAS EM FRASE

(Felicitando Mamego pela maneira como parou e retribuiu o «Bote de Morte»).

7 Vejo que V. Ex.ª não sofre grande desgosto com as ofensivas que lhe fazem, o que muito me regosija, pois sou um dos que teriam pena que a tivessem tirado do seu lugar.—2—1

Lisboa DITE
 QUADRO DE MERITO

8 O sentimento de dignidade pessoal deste homem, devido á sua posica intelligencia, é tratar todos com arrogancia.—3—1—2

Lisboa DOIS PRINCIPIANTES
 QUADRO DE MERITO

9 Era mim não há nada tão aborrecido como o dia de anos.—1—1

Lisboa LOHENORIN
 QUADRO DE MERITO

10 Por minha sorte juro que o charadismo não é nenhuma importação.—1—2

Lisboa MAMEGO
 QUADRO DE MERITO

11 Com o modo como se apresentou, deu logo indício de ser um homem «brío».—1—2

Lisboa AVIARDO
 QUADRO DE MERITO

12 Em nome de Deus te peço: insiste na defeza da tua honra com pertinacia.—2—2

Lisboa SPARTANUS
 QUADRO DE MERITO

13 Se com a minha virtude conquista-se a mulher formosa, não pedia compaixão a ninguém, porque era feliz.—1—2—1

Lisboa MINDOGOS
 QUADRO DE MERITO

14 A primeira pessoa que viu o canhão da India foi minha «parenta». Por isso ela tem facilidade em aprender.—1—1—2

Lisboa PAUSANIAS
 QUADRO DE MERITO

15 O melhor elemento militar é ainda o da «Guarda». —2—1

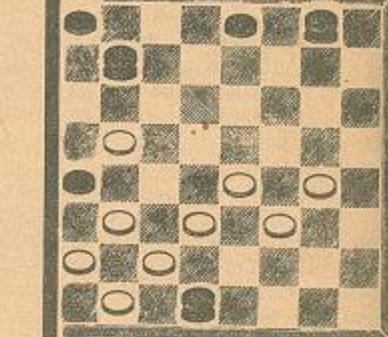
Lisboa AFRICANO
 ENIGMA FIGURADO

Um camulo

EURISTO

DAMAS

PROBLEMA N.º 11
 Pretas 3 D 3 p.



Brancas 9 p.
 As Brancas jogam e ganham.
 Solução do problema n.º 118

Brancas	Pretas
1	3-8
2	1-6
3	24-27
4	23-26
5	7-11
6	6-10
7	13-17
8	12-16
9	28-19-30-21-20-3

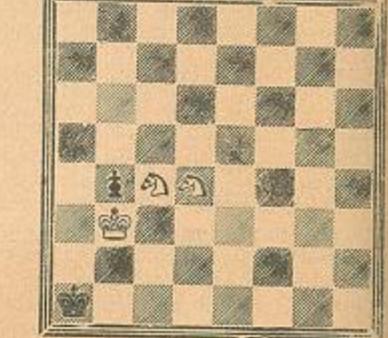
Ganha

Resolveram o problema n.º 117 os srs.: Alípio Anzral, Alvaro dos Santos, Armando Machado (Alhavo), Augusto Teixeira Marques, Carlos Gomes (Bemica), Francisco Batoró, José Brandão (Infantas), Mario Domingos Pereira, «Neulame», Victor dos Santos Fonseca. O problema hoje publicado, foi nos enviado por «Neulame». Toda a correspondência relativa a esta secção, bem como as soluções dos problemas, devem ser enviadas para o «Domingo Ilustrado», secção do «Jogo de Damas». Dirige a secção o sr. João Eloy Nunes Cardoso.

XADREZ

A correspondência sobre esta secção pode ser dirigida a Pereira Machado, Gremio Literario, Rua Ivens, n.º 118

N.º 120 - PROBLEMA
 Por von Holzhausen
 Pretas (2)



Brancas (3)
 As brancas jogam e dão mate em cinco lances. (3)
 Solução do n.º 119
 (Meredith)
 1 Dc 2-a 4

Resolveram o problema N.º 117 os srs. Nunes Cardoso e Maximo Jordão.

O VOSSO RETRATO

Procurai sempre um bom fotografo. A Foto America melhor do que qualquer outra vos pode servir. R. Registo Civil, 6-1.º e 6 A, loja. Telefone 3029 Norte.

ALIMENTO PARA PINTOS

Farinha de carne. Farinha sangue de boi. Sementes e plantas.

CASA DAUPIAS

29, R. do Carmo, 31-Lisboa Telef.: 1354-C

VARIA

Grandes rasgos de filantropia

Barreira de sombra CAMPO PEQUENO

A corrida de domingo não deixou saudades; agora tres ou quatro lances que despertaram vivo entusiasmo, o resto foi menos de zero.

A concorrência, que tem vindo a diminuir de domingo para domingo, occupou menos de meia casa, isto num dia em que o jogo da bola em nada prejudicava a frequencia aos touros.

O curro, de bela apresentação, teve apenas nas vezes que cumpriram, precisamente as que foram lidadas por José Casimiro, condignamente ovacionado pelo seu toureiro brilhante.

O trabalho de Adolfo Machado limitou-se apenas a um ferro curto e outro comprido, de talor.

Os nossos bandarilheiros esforçaram-se por tirar partido dos touros que lidaram, sobresaindo Alfredo dos Santos e Custodio Domingos, que satisfizeram em absoluto.

O espada Emilio Mendes, que é distinto bandarilheiro, colocou, entre outros, um par de poder a poder—trabalho difficilissimo—que passou despercebido a mul a gente; com a «muleta» desenhou alguns passes prejudicados pelo vento e com o «capote» executou uma «lata», arriscada por vezes.

Incansavel na «brega» em toda a corrida, merecendo, portanto, especial referencia, o toureiro «Angelillo», bem como o bandarilheiro «Cuco», da quadrilha do espada.

Os forcados, muito desunidos e brutalmente «mimosados» pelos «pontudos», executaram apenas uma péga valentissima, e a direcção da lide, a cargo do ex-toureiro Manoel dos Santos, muito acertada. E nada mais...

ZEPEDRO



Singer

Ultimos

Inventos

MAQUINAS ELECTRICAS PARA COSTURA, MOTORES ELECTRICOS DE FACIL APLICACAO A TODAS AS MAQUINAS

EM LISBOA:

59, Praça dos Restauradores, 61 e em todas as filiais e agentes.

Olimpia

Direcção de Leopoldo O'Donnell, um dos mestres da cinematografia portuguesa e um dos industriais mais categorizados. Filmes de primeira escolha.

Chiado Terrasse

O cinema da parte alta da cidade. O velho «Terrasse» agora arranjado de novo. O paé dos cinemas lisboetas. Últimos filmes, sempre variados e para todos os paladares do publico.

Nacional S. Luiz Politeama Trindade Avenida Apolo

A primeira scena dramatica portugueza, a frente da qual está Alves da Cunha... «O Gibo e a Sombra».

A unica grande companhia de opereta portugueza, sob a direcção do nosso primeiro «metteur-en-scène» do teatro musicado, Armando de Vasconcelos.

A mais bela sala de espectaculos de arte moderna. Uma companhia esplendida com os nomes de lida Stibini e Alexandre de Azevedo e Ruel de Carvalho.

A mais linda sala de espectaculos de Lisboa, com a companhia mais completa que possuamos. A grande Lucia, com Felice, Almeida, Amelia Pereira e um formidavel grupo dramatico que está á altura do mais difficil repertorio internacional.

Companhia Setecenta-Amarante. A companhia mais simpatica ao publico. Alcm de Amarante—o maior creador actual de tipos populares, este conjunto tem elementos como Laura Sismela, uma notavel actriz que trouxe á scena uma methodo fresca e «à la parisienne» de seu estilo.

Repertorio de gosto popular e de valor. Teatro tradicional e querida da população lisboeta. Comodidade, conforto, modicidade de preços e um espectáculo de aventuras.

Soberbo desempenho de Almeida Cruz, Margarida Ferreira, Costa, e «Costinha» no «Elho de III classe».

Companhia Maria Matos-Mendonça de Carvalho, dois grandes nomes na arte dramatica; um formidavel repertorio de comedia, farças e dramas. Exitos, «tournees» triumphais a ateararem o grande merito neste conjunto. Teatro elegante da Parque Mayer. Actualmente «Sagrada familia».



Uma freira com uma criança abandonada. As freiras são dum excecível carinho para os recém-nascidos que todos os dias recebem e só lhes saem dos braços quando já podem «voar sosinhos».

te espirito caritativo. As suas ultimas vontades não surpreenderam ninguém. A coleção Jado, com que se enriquece agora a cidade biscaína, está avaliada em

As obras de instrução são ainda mais contempladas do que as de beneficencia. Em Munguia, terra natal de Don Laureano, e na povoação de Erandio, serão construidas



Grupo de amas e de crianças da «Inclusa de Madrid» ou Albergue das Crianças Abandonadas, que tem uma organização modelar e onde, em media, ingressam, por dia, três enjeitados.

mais de um milhão de pesetas, e contem quadros de Goeco, Goya, Van Dyck, Jordans. Fragonard, etc.

Don Laureano Jado legou ainda 25.000 pesetas para despesas de trasladação e installação do seu importante legado artistico.

Uma das obras de beneficencia mais contempladas no testamento de Don Laureano foi o Sanatorio Maritimo de Oozilz, instituição modernissima, destinada a salvar as crianças pre-tuberculosas.

duas escolas monumentais, com os nomes de «Fundacion Ventades» e «Fundacion Jado». Para a construção e existencia destas escolas foi destinada uma quantia enorme.

O testamento fecha com a instituição dum premio annual (o juro de 75.000 pesetas ou seja cerca de trinta contos annua) para a Real Academia de Medicina conceder a um medico espanhol que, durante o ano, se tenha distinguido pelos seus livros ou sciencia, no professorado ou no exercicio da sua profissão.

OS MELHORES BIFES A MELHOR CERVEJA O MELHOR SALÃO DE BILHARES O MELHOR BUFETE SÓ NO CAFÉ GELO

Non queira ficar assim Use a VITELINA VITERI, torne os seus cabelos fortes, abundantes, limpos e sedosos.—Frasco 8\$00. Deposito: VICENTE RIBEIRO & C. R. dos Fanqueiros, 84, 1.º Os insectos das arvores Evita eficazmente que as arvores sofram os enormes prejuizos que causam todos os insectos, usando-se o acreditadissimo produto americano: Cola «TANGLEFOOT» A' venda na DROGARIA CEZAL De ALBINO GARCEZ 12, Rua do Comercio, 14

Cosulich Line Presidente Wilson esperado a 26 de Abril Agentes: — E. PINTO BASTO & C.ª L.ª CAES DO SODRÉ, 64, 1.º LISBOA Telef.: C. 3601 3602 e 3603 ANUNCIAR NO ÉCRAN LUMINOSO DO RO-CIO É FAZER UM ANUNCIO QUE A LISBOA TODA VÊ

actualidades graficas

NO "SALON" DAS BELAS ARTES



Uma das soberbas marinhas do mestre Roque Gameiro
NA ESCOLA FONSECA BENEVIDES



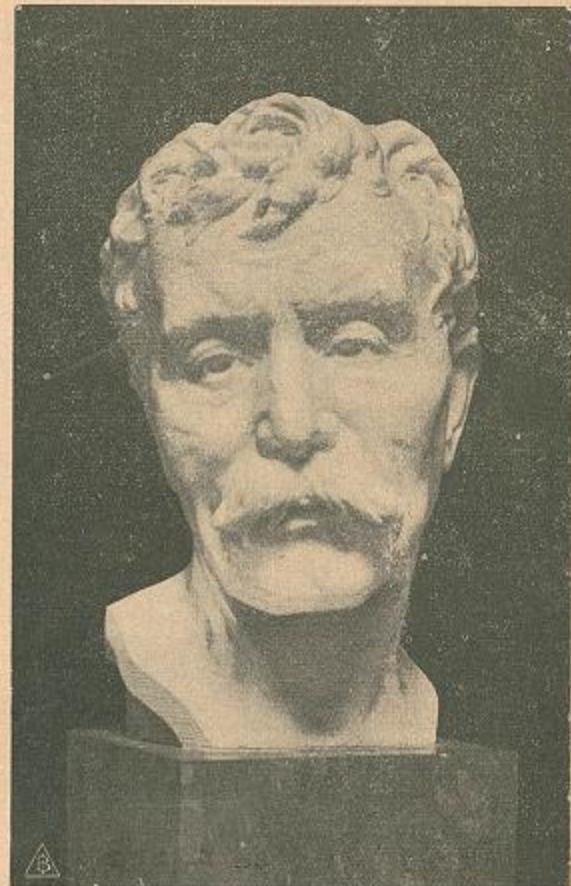
Pelas provincias

EM AVEIRO



A chegada do team do «Club Mario Duarte» á Vista Alegre, onde foi disputar o bronze Centenario da Fabrica do mesmo nome. No primeiro plano, da esquerda para a direita, vê-se no 2.º lugar o sr. Mario Duarte (filho), novo Consul de Portugal em Lá Guardia

NO "SALON" DAS BELAS ARTES



Cabeça de velho—escultura do distinto artista Xavier

Orfeão da Escola Industrial de Fonseca Benevides, da direcção do illustre pedagogista dr. Adrião Castanheira, que há dias deu uma interessante e aplaudida audição num serão de arte organizado pelo notavel professor de canto, sr. Silveira Pais, que há dois auos ensina este orfeão.

Pelas provincias

EM CHAVES.—UMA BELA FESTA DE ARTE



Quadro final da encantadora opereta A «Herança do Capitão mor», da autoria do sr. general Ribeiro de Carvalho, com musica do compositor Pinto Ribeiro e que constituiu um belo acontecimento da vida provinciana desta semana.

PUBLICIDADE



Casa Senim, L. da
184 Rua Augusta 186 TELEF. 251
LISBOA

**Compras directas nos principais centros
fabris da Europa**

O MAIS LINDO E VARIADO SORTIDO
DAS
ULTIMAS NOVIDADES
DE
PARIS, LONDRES, BERLIM, SUISSA
E LION

**PREÇOS DE VERDADEIRA
SENSAÇÃO**

A. CRUZ L. DA

R. DA MADALENA, 29, 2.º—LISBOA

Telefone C. 1143

Armazem de productos
químicos e especialidades
farmaceuticas nacionais e es-
trangeiras

ARTIGOS DE BORRACHA
E UTENSILIOS PARA LABORATO-
RIOS E CIRURGIA

Fornecimentos completos para
Farmacias e Hospitais

Importação directa

FUNERAES
SIMPLES
e LUXUOSOS
SERVIÇO
PERMANENTE
**MARIO
AUGUSTO
DA SILVA
MILHEIRO**
131. RUA DOS ANJOS. 133
LISBOA TELEF. 1094 N.

PERFUMARIA FLOR DE LIZ
LIMITADA
83, R. NOVA DO ALMADA, 83—LISBOA
TELEF. C. 3895

O maior e mais variado sortido aos melhores
preços. Manucre (execução perfeita).

Bento, Silva, Pinto, L. da

Mobiliás, cofres, pianos, ourivesaria, estanh., folha,
sucatas, etc.
ESTABELECIMENTOS E ARMAZEM
126, 128, Rua Alves Correia, 141, 147
LISBOA TELEFONE 3256-N
SECÇÃO DE OURIVESARIA N.º 111

FABRICA DE MALAS, CARTEIRAS
E ARTIGOS DE VIAGEM

**DE
JOAQUIM PEREIRA MONTEIRO**

AVENIDA CASAL RIBEIRO, 43 e 47—LISBOA

Fabrico especial em malas, carteiras, bolsas de senhora,
pastas para escritorio, casas bancarias, companhias e de mais
artigos que digam respeito á mes-
ma industria. Concertos gerais em
todos os artigos.

Sempre novidades, execução ra-
pida, solida e perfeita



TELEFONE 5347 NORTE

**Productos da Industria Alimentar
"JANÉ"**

Pudins instantaneos, Limonadas, Laranjadas, Gzosas, Que-
ques, Polvilho de Tapioca baunilhado, Biscoitos, Bolinhos de
amendoa, Farinha alimentar, etc.

J. P. MESQUITA

Escritorio: — Rua 20 de Abril, 169, 3.º—LISBOA

Fogões Escoceses

(MODELO «SULTANA»)

CENTENAS

A FUNCIONAR

EM

PORTUGAL

TAMBEM

HA OUTROS

MODELOS

EM DEPOSITO



Agente: Herrbert Cassels J.º, R. 24 de Julho, 56-Lisboa. Telef. C. 3256

CASE O MELHOR, MAIS SOLIDO E ECONOMICO
TRACTOR DE RODAS



Ad Electro P. D. 218—Also furnished in 3 columns

As mais altas recompensas em todos os concursos em que tem entrado. CHARRUAS GRAND-
DETOUR. 2, 3, 4 e 5 ferros ou discos para todas as applicações. Estes tractores podem adicio-
nar debulhadoras respectivamente de 1.07—1.22—1.37. TRACTORES E CHARRUAS
PARA ENTREGA IMEDIATA. Em exposição modelos 12x20 e 18x32 HP, com as corres-
pondentes charruas. Representante para Portugal:

DUARTE FERREIRA & FILHOS
(Engenheiros) TRAMAGAL

Filial em Lisboa: AVENIDA PRESIDENTE WILSON, 17 a 25

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING

A maior tiragem de todos os semanarios portugueses

O DOMINGO

ilustrado

ASSINATURAS

CONTINENTE E HESPAHHA
ANO - 48 ESCUDOS -
SEMESTRE - 24 ESC. -
TRIMESTRE - 12 ESC. -

ASSINATURAS

COLONIAS
ANO, 52x20 - SEMESTRE, 26x10
E STRANGEIRO
ANO, 64x64 - SEMESTRE, 32x13

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS - TEATROS, SPORTS & AVENTURAS - CONSULTORIOS & UTILIDADES



O "Garrafão" — fadista celebre do Bairro Alto

(Interpretação do actor Vasco Santana na peça "Bairro Alto", de Avelino de Sousa, em scena no Teatro S. Luiz)

(Lêr dentro formidavel evocação historica do velho bairro lisboeta, pelo eminente critico e arqueologo G. de Matos Sequeira).